Martin Plaut

‘Existem pelo menos cinco países em África onde ainda se pode comprar, vender e herdar seres humanos’

Antigo editor para África da BBC, nasceu e cresceu na Cidade do Cabo, sob o regime do Apartheid. O contacto, ainda na infância, com descendentes de escravos despertou-lhe o interesse pelo tema e levou-o a escrever **A Verdadeira História da Escravatura** (Clube do Autor), em que questiona ideias feitas e deixa um alerta.

TEXTO **José Cabrita Saraiva**
FOTOGRAFIA **DR**

Ao lermos o seu livro, parece emergir um padrão: os escravos eram geralmente estrangeiros e pessoas com uma cor de pele diferente. Foi sempre assim ou existiram exceções relevantes em que escravos e proprietários não se distinguiam fisicamente?
A primeira coisa a ter em conta é que, quando falamos de escravatura, quase tudo o que se possa dizer é simultaneamente verdadeiro e falso. Por exemplo, na Índia, durante séculos escravizavam-se uns aos outros e eram muito parecidos entre si. O mesmo acontecia na China. As pessoas de lá saberiam distinguir quem era da etnia Han de quem não era. Mas as diferenças eram mínimas. Em África, havia quem escravizasse pessoas que viviam do outro lado do rio. Portanto, eram exatamente iguais. Tudo depende das circunstâncias. É preciso conhecer o contexto específico para perceber até que ponto a raça, a etnia ou outros fatores eram relevantes.

A referência mais antiga conhecida à escravatura remonta a cerca de 2900 a.C. e mostra que essa prática já existia no Egito. No entanto, refere que as pirâmides não foram construídas por escravos. O egiptólogo Zahi Hawass defende a mesma tese. Mas quando visitamos Gizé e vemos aqueles enormes blocos de pedra, parece impossível não pensar no desafio que seria transportá-los. Não poderão ter sido utilizados escravos para tarefas menos qualificadas?
No meu entender, a construção das pirâmides funcionou num sistema que aproveitou períodos em que as chuvas falharam e as colheitas foram más. Por conseguinte, havia momentos em que a população precisava de trabalho e o faraó dava-lhe trabalho, que era construir as pirâmides. Tenho a certeza de que a realidade seria mais complicada, mas é assim que eu vejo as coisas. Claro que é muito possível que tenha havido escravos envolvidos. Mas tudo indica que as pirâmides não foram construídas na maior parte por escravos. Era uma forma de trabalho em troca de alimentos ou de remuneração, que permitia à população seguir com a sua vida.

Isso suscita outra questão. Que tipos de trabalho realizavam os escravos? Eram agricultores, soldados, criados domésticos, concubinas? Até que ponto isso variava consoante as épocas e os lugares?
Dependia sempre daquilo que o proprietário pretendia. É um pouco como perguntar para que serve o trigo. Você compra trigo numa loja. Vai fazer pão? Vai fazer esparguete? Pode utilizá-lo para quase tudo. De certa forma, podemos ver os escravos da mesma maneira. Não porque não fossem seres humanos – claro que eram seres humanos –, mas porque eram tratados como objetos pelos proprietários, que os usavam para o que entendessem. Tanto podiam ficar a varrer a casa como servir de companhia na cama, fossem homens ou mulheres. Ou podiam ser usados como soldados. Tudo dependia das circunstâncias. Não existe uma resposta única.

Em Roma, por exemplo, podiam ter tarefas ultra específicas.
Sem dúvida. Já os escravos europeus capturados pelos corsários da Barbária e levados para o Norte de África eram frequentemente utilizados nas galés, a remar. Muitas vezes não sobreviviam mais de três meses. Ficavam expostos ao sol abrasador e ao frio intenso, sem camisa, alimentados apenas a pão e água. Quando morriam, eram atirados borda fora. Havia muitos mais disponíveis e eram baratos. Usavam-nos como mercadoria. E não estou a dizer que os norte-africanos fossem mais cruéis do que os europeus. Quando os europeus capturavam africanos, também os punham nas galés e faziam-lhes exatamente o mesmo. Receio que praticamente toda a gente tratava mal os escravos, fosse onde fosse.

Isso sempre me pareceu um enorme desperdício. Se tem uma pessoa que pode trabalhar para si durante trinta anos e apenas a utiliza durante alguns meses, não faria sentido cuidar melhor dela?
Às vezes, sim. Se o dono tivesse pago muito dinheiro pelo escravo e este fosse valioso para a atividade económica do seu proprietário, certamente o proprietário cuidava bem dele. Há exemplos no sul dos Estados Unidos em que, apesar dos maus-tratos generalizados, alguns escravos eram mantidos em boas condições porque representavam um investimento valioso. Da mesma forma que se cuida de um bom cavalo, cuidava-se de um bom escravo. Depois da abolição da escravatura, quando foram libertados, muitos queixaram-se de que as suas condições de vida tinham piorado. Os patrões não queriam saber deles depois de lhes terem pago o salário. Enquanto, quando eram escravos, o proprietário preocupava-se com eles e tentava mantê-los em boas condições. Inversamente, quando os escravos eram baratos, a lógica era diferente. Quem vivesse numa região conquistada pelos romanos, por exemplo, podia partir do princípio que se tornava escravo. Faziam enormes quantidades de escravos através das conquistas. Havia-os em abundância e eram baratos, por isso podiam fazer com eles o que quisessem. Se morressem, morriam. Paciência. Tudo dependia da escassez e do valor económico de cada escravo.

Podemos então inferir que existia uma espécie de hierarquia social entre os escravos?
Sem dúvida. Por exemplo, Malik Ambar, que foi levado como escravo da Etiópia para a Índia no século XVI, ascendeu até se tornar, na prática, governante de um Estado indiano. Tinha chegado como soldado, levado pelos omanis, como tantos outros que eram usados como soldados descartáveis. Mas Malik Ambar revelou extraordinárias competências militares, especialmente na organização de forças de cavalaria. Conduziu ataques bem-sucedidos contra o Império Mogol. O imperador ficou furioso. Hoje Ambar é venerado como um dos maiores generais da história da Índia. Aqui temos alguém que partiu praticamente do nada até chegar a governante de um Estado. Outros, pelo contrário, morriam poucas horas depois de serem lançados em combate.

Em Lisboa temos um teatro romano cuja construção foi financiada por um antigo escravo que se tornou muito rico.
Não me surpreende. Alguns saíram-se excecionalmente bem. Mas devemos ter cuidado ao olhar para a escravatura para não darmos mais importância à exceção do que à regra.

Além da guerra, em que outras circunstâncias alguém podia tornar-se escravo?
Havia pessoas que nasciam na escravatura. Nas Caraíbas, por exemplo, os filhos de uma mulher escravizada eram geralmente considerados escravos, porque a mãe era vista como uma propriedade e essa condição transmitia-se aos filhos. Nas sociedades muçulmanas, pelo menos em teoria, se uma escrava tivesse um filho do proprietário, seria libertada e o filho também. O que nem sempre acontecia, porque, como em tudo, dependia das circunstâncias e da forma como as pessoas eram tratadas. Mas a teoria era essa. De um modo geral, os escravos não se reproduziam entre si. Não quero dizer que não tivessem relações sexuais ou não tivessem filhos. Mas a tendência era serem submetidos a condições tão duras, quer pelo trabalho exigido, quer pelo péssimo nível de vida, que morriam cedo ou relativamente cedo. Por isso, não era frequente reproduzirem-se. Ainda assim, houve sociedades em que isso aconteceu.

Imagino que o destino de um escravo dependesse muito do tipo de pessoa que era o proprietário. Existiram escravos felizes?
Suponho que sim. Alguns terão sido relativamente felizes. Há um livro muito conhecido da literatura norte-americana, **A Cabana do Pai Tomás**, que retrata escravos felizes no sul dos Estados Unidos. Hoje essa visão é muitas vezes considerada inaceitável ou excessivamente complacente, mas isso não significa que não tenham existido pessoas satisfeitas com a sua condição. Na Grã-Bretanha, por exemplo, houve um *Chief Justice*, o mais alto magistrado do país, que acolheu uma jovem nascida da relação entre um sobrinho dele e uma escrava das Caraíbas. No contexto em que nasceu, nas Caraíbas, a criança seria considerada escrava, mas foi levada para Londres e criada como se fosse filha do magistrado. Vivia na mesma casa, vestia-se